



As Dimensões da Formação Docente e o Papel do Professor

The Dimensions of Teacher Training and the Role of the Teacher

Tyciana Vasconcelos Batalha

Mestra em Gestão de Ensino e Educação Básica – PPGEEB/UFMA

<http://lattes.cnpq.br/1376630555831292>

Karla Dayanne Braga Abreu Aguiar

Mestra em Gestão de Ensino e Educação Básica – PPGEEB/UFMA

<http://lattes.cnpq.br/5491243879999430>

Jefferson da Silva Farias

Mestre em Matemática – PROFMAT/UFMA

<http://lattes.cnpq.br/6013447487887599>

Ruthiane Gomes Abreu

Especialista em Educação Especial/Educação Inclusiva – UEMA

<http://lattes.cnpq.br/0475541977350830>

Elisângela de Fátima Nascimento Pereira Monroe

Especialista em Docência na Educação Infantil– UFMA

<http://lattes.cnpq.br/0639572162246948>

Ana Neri Santos da Silva

Especialista em Psicopedagogia - UEMA <http://lattes.cnpq.br/8405572494920579>

Golda Myer Sousa Reis Aguiar

Especialista em Libras – Faculdade Faveni

<http://lattes.cnpq.br/2120362947075174>

Diana Régia Campos Silva

especialista em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional – IESF

<http://lattes.cnpq.br/0863046343164130>

Lara Sousa Moreira

Neuropsicopedagoga - Faculdade Faveni

<http://lattes.cnpq.br/8556597670277530>

Débora Melo Cruz

Graduada em Pedagogia – UFMA

<http://lattes.cnpq.br/9292740819892848>

Resumo: Este estudo discute as dimensões da formação docente e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, articulando reflexões sobre formação inicial e continuada, metodologias, práticas pedagógicas e desafios contemporâneos. A partir de referenciais como La Torre e Barrios (2002), Libâneo (2006), Freire (1997, 2003), Pimenta (2005), Tardif (2007) e Zabala e Arnau (2010), analisa-se como a formação profissional envolve processos de transformação, profissionalização e inovação, exigindo dos docentes competências ética, afetivas, comunicacionais e metodológicas. O trabalho apresenta ainda uma discussão sobre

as diferenças no ato de ensinar e sobre a organização da aprendizagem dos alunos, enfatizando a importância da mediação, da interdisciplinaridade e do planejamento pedagógico. Utiliza-se uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica. Conclui-se que a formação docente deve ser contínua, contextualizada e comprometida com a construção de práticas críticas, criativas e humanizadoras.

Palavras-chave: formação docente; mediação pedagógica, práticas de ensino; metodologias; aprendizagem.

Abstract: This study discusses the dimensions of teacher training and the role of the teacher in the teaching-learning process, articulating reflections on initial and continuing training, methodologies, pedagogical practices, and contemporary challenges. Based on references such as La Torre and Barrios (2002), Libâneo (2006), Freire (1997, 2003), Pimenta (2005), Tardif (2007), and Zabala and Arnau (2010), it analyzes how professional training involves processes of transformation, professionalization, and innovation, requiring ethical, affective, communicational, and methodological competencies from teachers. The work also presents a discussion on the differences in the act of teaching and on the organization of student learning, emphasizing the importance of mediation, interdisciplinarity, and pedagogical planning. A qualitative approach based on a literature review is used. It concludes that teacher training should be continuous, contextualized, and committed to the construction of critical, creative, and humanizing practices.

Keywords: teacher training; pedagogical mediation; teaching practices; methodologies; learning.

INTRODUÇÃO

A formação docente constitui um dos temas mais relevantes para a qualidade da educação contemporânea. Em um cenário marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais, exige-se do professor uma atuação que ultrapasse a simples transmissão de conteúdos, envolvendo competências múltiplas que articulam teoria, prática, ética, afetividade e inovação.

Autores como La Torres e Barrios (2002) apontam que a formação docente se sustenta em três perspectivas fundamentais: transformação, profissionalização e inovação. Tais dimensões revelam que o professor, enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem, precisa reinventar suas práticas, interpretar o currículo, conhecer seus estudantes e promover aprendizagens significativas.

A docência, como destaca Fernández (2002), não pode ser reduzida a uma função mecânica ou tecnicista; é antes uma atividade intelectual, crítica e reflexiva, na qual o professor intervém a partir de saberes, teóricos e experienciais. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender como os docentes elaboram seu conhecimento, desenvolvem suas competências e constroem sua identidade profissional.

O presente artigo tem como objetivo analisar as dimensões da formação docente e o papel do professor, discutindo práticas, saberes, atitudes, desafios pedagógicos e implicações metodológicas, com base em revisão bibliográfica e autores clássicos da área.

METODOLOGIA

Este estudo fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, a partir de obras que discutem formação docente, prática pedagógica, metodologias de ensino e aprendizagem. Foram consultados autores como La Torre e Barrios (2002), Fernández (2002), Libâneo (2006), Freire (1997.2003), Pimenta (2005), Tardif (2007), Zabala e Arnau (2010), entre outros que tratam dos saberes docentes, da mediação pedagógica e das perspectivas contemporâneas da formação de professores.

A revisão bibliográfica permite compreender como diferentes concepções e modelos influenciam as práticas educativas e fornecem subsídios teóricos para a análise. A partir dessa base o texto foi estruturado de forma temática, abordando: as dimensões da formação docente; a diferença no ato de ensinar e a organização e eficiência da aprendizagem dos alunos.

A metodologia adotada possibilitou a sistematização de ideias, a comparação entre autores e a elaboração de reflexões fundamentadas sobre a formação docente e seu papel na educação

AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO DOCENTE E O PAPEL DO PROFESSOR

A formação docente pode ser compreendida a partir de três perspectivas essenciais, conforme La Torre e Barrios (2002): transformação, que envolve mudança de atitude e desenvolvimento de habilidades dinâmicas; profissionalização, que se refere à busca por fundamentos teórico-práticos; e inovação, voltada à melhoria da qualidade de ensino. O professor exerce um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, atuando como mediador da construção do conhecimento e aprendendo também enquanto realiza suas intervenções. Ensina a partir do que conhece, pensa e compreende, relacionando-se com os alunos não como mero transmissor de conteúdos, como no modelo tradicional, mas como alguém que constrói o conhecimento junto com eles, oferecendo oportunidades reais de participação, expressão e protagonismo, considerando os recursos disponíveis e a cultura de cada estudante.

No cenário contemporâneo, não se atribui ao professor o papel de simples executor do currículo, mas sim de mediador entre o documento curricular e a realidade concreta na qual ele se desenvolve. Nesse sentido, o docente “interpreta e redefine o ensino em função do seu conhecimento prático, de sua maneira de pensar e de entender a ação educativa” (Fernández, 2002, p. 19).

A autora explica que, assim como existem diferentes tipos de professores, também há distintos modelos de formação docente, entre os quais, destaca a orientação artesanal, caracterizada pela aprendizagem por imitação, em que se ensina da mesma forma e com os mesmos métodos. Um exemplo desse modelo é a cartilha Caminho Suave, utilizada por várias gerações e que levou muitos docentes

a reproduzir métodos sem reflexão crítica.

Na atualidade a ampla presença das tecnologias digitais tem influenciando e percepção de muitos familiares e até de setores da sociedade, que passam a crer que o bom o professor é aquele que domina aparatos tecnológicos. Esse pensamento é equivocado, pois a mera informatização não garante inovação pedagógica. Existem escolas equipadas com diversas tecnologias, mas que mantêm práticas tradicionais e pouco criativas. Muitos docentes utilizam slides apenas para leitura, revelando falta de domínio de conteúdo. Isso suscita a reflexão: é melhor ter alguém preparado para ensinar, ou alguém que apenas saiba manejar as tecnologias da moda? Deve-se investir prioritariamente em equipamentos ou na formação qualificada dos profissionais da educação?

É verdade que “as novas tecnologias e as novas formas organizacionais do trabalho estão relacionadas com necessidades de melhor qualificação profissional” (Libâneo, 2006, p. 19). Entretanto, não se pode restringir a formação docente a informatização. É necessário investir em formação crítica e de qualidade, sobretudo diante de crianças cada vez mais imersas em interações digitais, jogos e redes sociais. Para despertar seu interesse pelos estudos, as aulas precisam ser dinâmicas, reflexivas e significativas, algo que vai muito além do uso de computadores.

Libâneo (2006), aponta diversas atitudes essenciais ao docente contemporâneo. A primeira é assumir o ensino como mediação, reconhecendo que as crianças não precisam de conhecimento pronto, mas de condições para construir suas próprias aprendizagens, com o professor como orientador desse processo. Outra atitude é desenvolver práticas interdisciplinares, superando o ensino fragmentado e aproximando os conteúdos escolares da realidade dos estudantes. Segundo o autor:

Uma mudança de atitude dos professores diante da rigidez da organização disciplinar implica compreender a prática da interdisciplinaridade em três sentidos: como atitude, como forma de organização administrativa e pedagógica da escola, como prática curricular. (Libâneo, 2006, p. 32)

O docente também deve conhecer estratégias de ensinar a pensar e ensinar a aprender, estimulando a curiosidade e a postura investigativa do aluno. O objetivo não é entregar respostas prontas, mas favorecer a autonomia intelectual, incentivando o estudante a construir suas próprias conclusões. Além disso, é fundamental desenvolver a capacidade comunicativa, utilizando uma linguagem acessível e adequada à faixa etária, de modo que todos compreendam o conteúdo e participem do diálogo em sala de aula. O professor precisa ainda reconhecer o impacto das tecnologias digitais, não para descartá-las, mas para utilizá-las como aliadas no processo educativo.

Outro ponto destacado por Libâneo (2006) é a importância de atender à diversidade cultural, reconhecendo a heterogeneidade das turmas e valorizando o repertório sociocultural de cada aluno. O bom mediador educacional incentiva, motiva e aproxima o conhecimento da realidade dos estudantes. Da mesma forma, o

docente deve investir continuamente em sua atualização científica, pois a formação não se encerra com a obtenção do diploma; ao contrário, exige permanente reflexão, estudo e aperfeiçoamento. Como afirma Nóvoa (1995, p. 26): “A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão”.

A dimensão afetiva também é essencial: conhecer os estudantes, suas dificuldades e potencialidades, para mediar de forma eficaz o ensino. Outro aspecto imprescindível é o comportamento ético, uma vez que a escola não forma apenas para a aprendizagem de conteúdos, mas para a vida, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres.

Contudo, muitos professores ainda não se sentem preparados para lidar com turmas complexas, curiosas e informadas. Para formar estudantes críticos e reflexivos, precisa-se antes formar educadores igualmente conscientes de sua responsabilidade social. Não basta colecionar diplomas; é necessário dedicação constante, criatividade, metodologias inovadoras e compromisso com a transformação da escola.

Além disso, o trabalho pedagógico não se limita ao espaço escolar. Os pedagogos atuam em áreas diversificadas: escolar, empresarial, hospitalar, midiática, entre outras, e o currículo se expande continuamente. Para acompanhar as mudanças rápidas da sociedade, é necessária “uma proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenha origem num projeto de gestão da sociedade” (Libâneo, 2006, p. 58), envolvendo família, comunidade e instituições formadoras.

A tecnologização do ensino tem alimentado a crença de que computadores e mídias podem substituir a relação pedagógica convencional, criando a “ilusão tecnoinformacional” (Libâneo, 2006, p. 66). Contudo, o valor da aprendizagem escolar está, justamente na mediação docente, na interação e na construção conjunta de significados. A inserção das tecnologias na escola será produtiva se contribuir para a democratização do acesso ao conhecimento, ampliar oportunidades de aprendizagens e qualificar a comunicação entre docentes e discentes (Libâneo, 2006).

Segundo Libâneo (2006), a formação continuada complementa a inicial, estendendo-se por toda a vida profissional e buscando o aperfeiçoamento constante. A formação docente só será efetivada se gerar mudanças nas práticas e reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem. Para isso é fundamental esclarecer a intencionalidade do ensino: para quem ensina-se? Por quê? E para que? Responder a essas questões é um passo importante para qualificar a atuação docente.

Entretanto, as exigências crescentes de formação convivem com contextos de desigualdade. Exigem-se qualificação, mas ainda se oferece uma escolarização precária, marcada por infraestrutura insuficiente, baixos salários e condições adversas e trabalho. É preciso equilibrar exigências e condições reais, para garantir um ensino de qualidade. Profissionais bem formados precisam de ambientes adequados e de valorização para exercer seu trabalho de forma plena.

O primeiro passo já foi dado: repensando o nosso modo de compreender o mundo e o papel da formação docente. Não se pode retroceder. Diante de uma sociedade em constante transformação, os profissionais da educação são cada vez mais exigidos e visíveis. Por isso, necessitam de uma base sólida de conhecimentos, construída tanto pela experiência quanto pela teoria, acompanhando a evolução do sistema educacional.

A DIFERENÇA NO ATO DE ENSINAR

O homem começa a pensar quando nasce” (Delval, 1998, p. 13). Entretanto, para que esse pensamento se desenvolva de forma adequada é necessário que haja acompanhamento, alguém que auxilie na construção do aprendizado ao longo do tempo. A capacidade de pensar é inerente ao ser humano (Delval, 1998), mas para compreender como essa atividade ocorre, é preciso entender os processos pelos quais o conhecimento é elaborado. Tal capacidade deve ser “estimulada, aperfeiçoada, o que requer certo treinamento, e aí entra a escola e toda a educação formal” (Delval, 1998, p. 13).

Nesse sentido, as práticas do professor assumem importância fundamental, pois a maneira como o conhecimento é reforçado estimular ou limitar a aquisição do entendimento. Para que ocorra a aprendizagem, são necessárias a assimilação e a acomodação. “A assimilação é a incorporação de algo exterior ao organismo e implica uma modificação desse elemento externo. [...] já a acomodação consiste numa modificação simultânea do próprio organismo” (Delval, 1998, p. 16). Assim, é preciso conhecer para assimilar e compreender para acomodar, sendo as práticas do educador determinantes nesse processo.

Freire, em Professora sim, tia: não cartas a quem ousa ensinar, destaca algumas qualidades essenciais ao trabalho docente, entre elas a humildade, pois “ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo” (Freire, 1997, p. 37). O professor deve estar preparado para aprender e ensinar junto às crianças, dentro e fora da sala de aula, com “amorosidade não apenas ao aluno, mas ao próprio processo de ensinar” (Freire, 1997, p. 38), características indispensáveis diante dos desafios da profissão. Soma-se a isso a coragem para enfrentar conflitos e lutar por melhorias na educação.

Outra qualidade necessária é a tolerância, fundamental para conviver, aprender e respeitar o outro. Freire (1997) também ressalta a importância da capacidade de decisão, uma vez que a indecisão pode ser interpretada pelos alunos como fragilidade ou incompetência. Embora algumas decisões devam ser tomadas coletivamente, há momentos em que o professor precisa se posicionar de forma assertiva para solucionar conflitos e conduzir o processo educativo.

Destaca-se ainda a “tensão entre a paciência e a impaciência” (Freire, 1997, p. 41). A paciência excessiva pode levar à inação, enquanto a impaciência exagerada pode resultar em ativismo irreflexivo. Assim o professor deve atuar “impacientemente paciente”, mantendo o equilíbrio e coerência em suas ações e intervenções.

O trabalho docente é uma prática social que envolve professores e alunos em seu cotidiano. Pimenta (2005), discute os saberes da docência: experiência, conhecimento e saberes pedagógicos. A experiência compreende aquilo que o professor vivenciou enquanto aluno durante sua trajetória escolar e acadêmica, permitindo reconhecer bons e maus exemplos de ensino. Esses saberes se articulam com as vivências cotidianas e com reflexões sobre a prática, possibilitando a construção da identidade docente. Nesse sentido:

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (Tardif, 2007, p. 34).

O conhecimento não se limita a informação. É preciso analisá-la, classificá-la e contextualizá-la para produzir novos significados e formas de ensinar, visto que “conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade” (Pimenta, 2005, p. 22). Cabe ao professor atuar como mediador entre informação e aluno, estimulando a reflexão e a construção do saber.

Neste contexto, Pimenta (2005, p. 23) destaca “que a educação é um processo de humanização” voltado para a formação de indivíduos capazes de participar do processo civilizatório. Quanto aos saberes pedagógicos, estes são reinventados no cotidiano, sendo a prática docente a expressão concreta do conhecimento construído na experiência.

Muitos professores desejam tornar o ambiente escolar acolhedor e estimulante, mas nem sempre dispõem de recursos para isso. Alguns movidos pela criatividade e pela dedicação, utilizam materiais próprios para transformar o espaço em ambiente inspirador. Esse cuidado possibilita:

[...] a oportunidade de estar em um ambiente planejado e cuidado para elas, pensando de forma humanizadora, buscando ser um espaço de promoção da vida, do crescimento, do desenvolvimento e da aprendizagem, sem perder de vista que isso terá também consequências positivas para todos os demais atores envolvidos nesse processo de promoção/construção da qualidade, no âmbito da instituição educativa e das famílias dessas crianças (Souza, 2005, p. 122).

A construção do conhecido não ocorre de forma isolada: o aluno e professor devem relacionar conceitos, atribuir significados e interagir com o mundo. A aprendizagem deve estar conectada aos conhecimentos prévios do estudante, cabendo ao professor facilitar avanços, intervir quando necessário e estimular a curiosidade.

O diálogo é fundamental nesse processo, permitindo que ambos, professor e aluno, exponham ideias, exemplos e argumentos. O docente deve criar oportunidade para que os alunos se expressem, relacionem conteúdos à realidade e compreendam o sentido do que estudam.

Para isso, o professor deve adotar estratégias diversificadas: atividades individuais, em dupla, em grupos, e com diferentes níveis de complexidade, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas variadas.

Embora o estudante seja o agente principal da própria aprendizagem, ele necessita do professor como mediador, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2003, p. 47). Para que o conhecimento seja efetivamente construído, é necessário que a nova informação se conecte ao que o aluno já sabe, sendo retomada em diferentes momentos e de formas variadas.

Zabala e Arnau (2010, p. 17) reforça que a prática pedagógica “deve ser entendida como reflexiva, não pode se reduzir ao momento em que se produzem os processos educacionais na aula”. É necessário planejamento, clareza de objetivos e respostas às questões fundamentais: “Para que educar? Para que ensinar? [...] . Sem elas nenhuma prática educativa se justifica” (Zabala e Arnau, 2010, p. 21). Somente assim é possível promover uma educação significativa, respeitando as especificidades de cada aluno e cada contexto.

A ORGANIZAÇÃO E EFICIÊNCIA NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

A metodologia do ensino refere-se a forma como se organiza a aprendizagem dos estudantes. Para que esse processo ocorra de maneira eficiente, é fundamental que o professor responda a algumas perguntas orientadoras: para quem vai-se ensinar? Qual o objetivo de ensino? Que tipo de aluno pretende-se formar? Quais os conhecimentos prévios desses estudantes? O ensino não é uma prática mecânica; exige observação atenta do contexto e dos sujeitos envolvidos, considerando “o que guardam e como, o que são capazes de fazer com a informação, como a processam e como ampliar essas capacidades para que suas aprendizagens sejam ricas, mais profundas e mais duradouras” (Blanchard e Muzás, 2008, p. 13).

Cada docente organiza sua metodologia a partir da tendência pedagógica em que acredita, e a sistematização desses métodos favorece a tomada de decisões nas diferentes situações que emergem no cotidiano escolar. No ensino fundamental, anos iniciais, trabalha-se com conteúdo variado e de forma interdisciplinar, sendo esperado que todos os alunos alcancem os objetivos propostos. No entanto, constata-se diferenças significativas entre os ritmos e níveis de aprendizagem. Diante disso, torna-se essencial que o professor mobilize criatividade e flexibilidade metodológica para promover avanços tanto dos alunos que demonstram maior facilidade quanto daqueles que apresentam dificuldades.

O papel do professor é mediar o processo de aprendizagem, reconhecendo o aluno como protagonista do próprio desenvolvimento. Nesse sentido, as aulas devem ter significado e despertar o interesse das crianças, incorporando recursos variados, inclusive tecnológicos, que ampliam as possibilidades de compreensão dos conteúdos, sobretudo em um contexto em que boa parte dos estudantes já está familiarizada com diferentes mídias.

Como afirmam Blanchard e Muzás (2008, p. 15), “a observação da realidade nos leva a descobrir muitas possibilidades e grandes desafios”. Conhecer os alunos permite ao professor realizar mediações coerentes com o nível de conhecimento concreto de cada um, otimizando o processo educativo. Ensinar hoje, exige superar práticas tradicionais, compreender o presente e atuar sobre ele, tendo em vista que:

Nossos modos de ensinar, portanto, devem ajudar a construir uma pessoa capaz de identificar a si mesma e identificar e compreender o que há ao seu redor [...], sem que a passagem pela escola pressuponha a ruptura com sua capacidade de admirar, com seu desejo de aprender, com seu anseio por alcançar algo (Blanchard e Muzás, 2008, p. 16)

Os autores também destacam princípios que sustentam práticas educativas eficazes, entre eles a aprendizagem construída a partir de conhecimentos e experiências anteriores. Para isso, é necessário conhecer o repertório prévio dos alunos, planejar aulas que articulem novos saberes a esse repertório e promover autonomia, responsabilidade e consciência do processo de aprender. As tarefas propostas devem ser claras, adequadas ao ritmo de casa estudante e planejadas sob medida para cada turma, favorecendo a autoavaliação e o protagonismo infantil.

A aprendizagem deve ocorrer por meio das descobertas, sendo essencial que os conhecimentos possuam significado e se relacionem à realidade dos estudantes. Os aspectos emocionais também exercem papel determinante, pois a afetividade contribui para tornar o aprendizado mais atraente e desejado. Assim, a relação professor-aluno constitui base fundamental para a interação a interação, a compreensão e a construção do conhecimento.

Martins (2008) observa que a relação professor-aluno varia conforme a teoria educacional adotada. Na pedagogia tradicional, a relação é vertical e autoritária; o professor detém o conhecimento e o aluno o recebe passivamente. Na escola nova, essa relação é democrática, com o professor atuando como orientador e o aluno como agente ativo. Já na abordagem tecnológica, ambos são executores, mantendo-se a verticalidade, embora o professor não participe da elaboração das atividades. É importante lembrar que:

A relação professor-aluno é fundamental no processo de ensino, estando intimamente vinculada à organização da instituição escolar, cuja função principal (explicitada) é veicular o saber sistematizado, e a organização usual dessa instituição é a transmissão desse saber (Martins, 2008, p. 48).

Para Martins (2008), todo trabalho educativo deve ser sistematizado e programado, com estratégias claras que promovam a construção e a estruturação do conhecimento. Isso envolve relacionar os conteúdos escolares ao cotidiano das crianças, possibilitando experiências significativas e contextualizadas.

A transformação do ensino exige mudanças nas práticas docentes. Não basta permanecer apenas no nível teórico; é preciso vivenciar e aplicar o conhecimento pedagógico de forma dinâmica, tornando o aluno sujeito ativo, capaz de aprender por meio da interação com o meio e de diferentes abordagens metodológicas. Planejamento, prática e avaliação constituem as etapas essenciais para a execução dos métodos de ensino. O planejamento requer diagnóstico, análise do perfil dos alunos e fundamentação, estudo do método a ser aplicado. A prática envolve a explicação clara das atividades e a avaliação verifica a aprendizagem, utilizando revisões e sínteses quando necessário.

Os princípios didáticos, conforme Martins (2008), orientam os métodos e incluem: proximidade, conhecimento, direção, adequação, participação, espontaneidade, vivência, descoberta, transferência e reflexão. Cada princípio contribui para a construção de um percurso educativo coerente, progressivo e significativo.

A comunicação é elemento central em qualquer metodologia. Quanto mais claro for o diálogo entre professor e aluno, mais efetiva será a aprendizagem. Repetição de conceitos, exemplos concretos e redução de ruídos comunicativos auxiliam na construção da segurança e clareza do conhecimento.

Zabala (1998), destaca intervenções necessárias à aprendizagem, como: planejamento flexível, uso dos conhecimentos prévios dos alunos, definição conjunta do sentido da aula, estabelecimento de metas individuais, apoio oportuno, atividades que relacionem saberes prévios e novos conteúdos, ambiente estimulante, comunicação eficaz, promoção da autonomia e avaliação individualizada.

Por fim, o efeito positivo da metodologia de ensino depende de múltiplos fatores como: “tipo de atividade metodológica, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos culturais, etc.” (Zabala, 1998, p. 15). A atuação docente deve ser prática, reflexiva e interdisciplinar, a fim de que o conhecimento escolar ultrapasse os limites da sala de aula e ganhe significado nas experiências cotidianas dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente, seja inicial ou continuada, constitui um processo permanente e indispensável ao desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas, criativas e capazes de promover aprendizagens significativas. Os autores discutidos evidenciam que a docência exige competências que vão além do domínio de conteúdos: requer mediação, sensibilidade, ética, afetividade, autonomia intelectual, capacidade de reflexão e constante atualização.

Compreender o ato de ensinar como prática complexa implica considerar o papel do professor enquanto sujeito que interpreta, reconfigura e contextualiza o currículo. A aprendizagem dos alunos depende, em grande medida, da intencionalidade pedagógica, das metodologias escolhidas e da capacidade de estabelecer relações entre conhecimento, cultura e realidade.

Também se faz urgente superar a visão tecnicista que reduz o trabalho docente ao uso de tecnologias ou à aplicação padronizada de métodos padronizados. A tecnologia pode ser aliada do processo educativo, mas não substitui a mediação pedagógica, a relação humana e o diálogo, elementos essenciais para a formação integral dos estudantes.

Conclui-se que fortalecer a formação docente significa promover uma educação mais democrática, humanizadora e comprometida com a transformação social. Para isso, é necessário garantir condições de trabalho, políticas de valorização, espaços formativos e oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo. A formação do professor é, portanto, um investimento estratégico para a construção de sociedades mais justas e para a consolidação da qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

BLANCHARD. Mercedes; MUZÁS. Maria Dolores. **Propostas metodológicas para professores reflexivos**. São Paulo: paulinas, 2008.

DELVAL, Juan. **Aprender a aprender**. São Paulo, Papirus, 1998.

FERNÁNDEZ. José Tejada. **Perfil Docente e Modelos de Formação**. In: LA TORRE, Saturnino de; BARRIOS, Oscar. (org.). **Curso de Formação para Educadores: Estratégias Didáticas Inovadoras**. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2002.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

LA TORRE, Saturnino de; BARRIOS, Oscar. (org.). **Curso de Formação para EDUCADORES: Estratégias Didáticas Inovadoras**. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 9 ed. São Paulo. Cortez, 2006 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica, didática prática: para além do confronto**. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

NÓVOA, Antônio. **O passado e o presente dos professores.** In: NÓVOA, A. (Coord.). Profissão professor. Porto: Editora Porto, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. 246 p.

SOUZA, Maria de Fátima Guerra. **Aprendizagem, desenvolvimento e trabalho pedagógico na Educação Infantil.** In: TACCA, Maria Carmen V. R. (org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: Alínea, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p. Tradução Ernani F. da F. Rosa.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências.** Porto Alegre: Artmed, 2010.